

História Pública Digital a partir das redes: um estudo de caso a partir do E-Human@s

Vanessa SPINOSA¹

Maria Júlia ROCHA SALES²

Resumo: A ampliação das pesquisas sobre usos das tecnologias digitais no ensino e aprendizagem motivam o desenvolvimento de novos projetos científicos que aproximam a tecnologia a favor da educação. Portanto, não basta somente investir em tecnologia. É necessário preparo para um uso cidadão e consciente, seja como leitor(a) ou produtor(a) de conteúdos no ciberespaço. O ambiente escolar é um aspecto importante da relação com as novas sociabilidades no ciberespaço e, neste sentido, o presente trabalho visa comunicar o projeto "E-Human@s Conecta: extensão em humanidades digitais", composto por ações extensionistas ofertadas pelo Laboratório de Humanidades Digitais e Ensino de História, do CERES-UFRN, em 2024, com a proposta de aproximar a comunidade acadêmica e a externa de temas investigados pelas Humanidades Digitais e o Ensino de História, viabilizando reflexões acerca de temas ligados à cultura digital, educação e cidadania em nossa sociedade. O projeto organiza um calendário de ações de mobilização digital que inclui identidade visual, divulgação de atividades e ações educativas sobre cultura, educação digital, cidadania e História. Além dos aspectos estruturais, divulgaremos os principais resultados alcançados a partir do lançamento dos espaços virtuais criados. Para a base destas reflexões teremos autorias como Nicodemo, Cesarino, Castells, Lucchesi, Noiret, Carvalho, entre outras.

Palavras-chave: Ensino de História, História Pública Digital; Mídias Digitais; Redes Sociais.

¹ Graduada em História pela Universidade Federal do Pará. Mestra em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutora em História pela Universidade de Salamanca. Professora associada do departamento de História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Campus Caicó, e vinculada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História (PPGEH/UFRN). Caicó, RN, Brasil. ORCID:<https://orcid.org/0000-0003-1736-4110> E-mail: vanessa.spinosa@ufrn.br

² Técnica em Vestuário pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - Campus Caicó. Graduanda no curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Campus CERES. UFRN. Caicó. RN. Brasil. LATTES:<http://lattes.cnpq.br/5173060785317328> E-mail: mrjlrocha@gmail.com

Digital Public History from social media: a case study from E-Human@s

Abstract: The expansion and complexity of research on the use of digital technologies in teaching and learning motivates the development of new scientific projects aimed at bringing technology to the benefit of education. Therefore, it is not enough to simply invest in technology. It is necessary to prepare for conscious and civic use, whether as a reader or producer of content in cyberspace. It is important that we always have reflective thinking developed so that there is a fruitful performance within digital culture. The school environment is an important spectrum of the relationship with the new sociability in cyberspace and it should not be limited to classrooms. It incorporates and is incorporated by digital environments. This work aims to communicate the project "E-Human@s Conecta: extension in digital humanities". It is a set of extension actions offered by the Digital Humanities and History Teaching Laboratory of CERES-UFRN in 2024 and aims to bring both the academic and external communities closer to the themes produced, thought and investigated by Digital Humanities and History Teaching, or that can even enable awareness in this sense. The project presents a calendar of digital mobilization actions that operates from the creation of visual identity, research and extension dissemination materials to educational actions of the Laboratory on subjects related to digital culture and education, citizenship and History. In this sense, in addition to highlighting the structure of the project that links Public History to the teaching of History on the networks, we will show the main results achieved since the launch of the virtual spaces created. The digital communication channels of the project have already managed to conduct scientific communication work with the internal and external community on Digital Humanities at UFRN; as well as promoting reflections on themes related to digital culture, education and citizenship in our society, aiming to encourage teachers and students in the Humanities area to produce digital didactic productions in the teaching of History. For the basis of these reflections, we will have authors such as Nicodemo, Cesarino, Castells, Lucchesi, Noiret and Carvalho, among others.

Keywords:History Teaching, Digital Public History; Digital Media; Social Networks.

A RELAÇÃO HISTÓRIA, *INTERNET* E MÍDIAS DIGITAIS

Partindo de um ponto de vista histórico, podemos afirmar que o interesse dos historiadores e historiadoras pela *internet* e pelas mídias digitais é recente, porém, não súbito. Desde a década de 1960, é possível perceber indícios de valorização pela integralização das práticas digitais às práticas historiográficas com o historiador social Emmanuel Le Roy Ladurie e, vinte anos depois, em 1980, o campo *Humanities Computing* surgia com alguns pioneiros que refletiam sobre a aplicação do computador à História. Somente no início da década de 90, originou-se o termo “História Digital”, combinando as abordagens quantitativas e qualitativas dos registros históricos (Andrade, 2023, p. 08). No artigo “História pública digital” (2015), Serge Noiret define a História Digital como todo o processo de produção e troca de conhecimentos históricos que são gerados e/ou transferidos no ambiente digital, e ela, por sua vez, propõe-se a visualizar a história e construir narrativas não apenas essencialmente baseada em textos (Noiret, 2015, p. 32), mas em diferentes fontes e formas de narrativas na *internet*. Noiret ainda afirma que:

A história digital, enquanto campo específico dentro da “transdisciplina” das humanidades digitais, não é feita apenas pela utilização de novas ferramentas digitais que facilitam as velhas práticas. Trata-se também do desenvolvimento de uma relação estreita com as tecnologias suscetíveis em modificar os próprios parâmetros da pesquisa (Noiret, 2015, p. 33).

Por conseguinte, outro grande marco para o campo em questão ocorreu ainda mais recentemente, em 2011, com o lançamento do *Manifesto das Humanidades*, organizado pelo pesquisador e coordenador nacional de Ciência Aberta do Ministério Francês de Ensino Superior e Pesquisa, Marin Dacos. Segundo o manifesto, a partir do encontro *The Humanities and Technology Camp* (2010), humanidades digitais “referem-se ao conjunto das ciências humanas e sociais, às Artes e às Letras”. Elas também “designam uma transdisciplina, portadora dos métodos, dos dispositivos e das perspectivas heurísticas ligadas ao digital no domínio das Ciências humanas e sociais” e é uma comunidade aberta, solidária e de livre acesso, sendo multidisciplinar e multilíngue (*Manifestes Digital Humanities*, 2011).

As Humanidades Digitais têm maior reconhecimento na atualidade por empregar abordagens inovadoras na pesquisa, análise e difusão do conhecimento, mediadas por tecnologias digitais, como quando utiliza métodos computacionais para examinar textos e aplicar ferramentas científicas em uma perspectiva transdisciplinar, o que promove a integração entre diferentes campos do saber. Ao enfatizar pontos de convergência e complementaridade entre as disciplinas, as Humanidades Digitais fortalecem a colaboração acadêmica, superando a tradicional fragmentação do conhecimento que privilegia apenas as particularidades de cada área.

No que tange à História digital, observa-se o impacto sobre as formas tradicionais de narrar o passado e de se fazer história. Essas transformações afetaram e ainda afetam profundamente as relações estabelecidas entre historiadores(as) e seus públicos e ampliam os tipos de audiência que tais profissionais desejam alcançar. As novas práticas de docência e de pesquisa sobre o passado precisam ser dominadas diante da nova era tecnológica, inclusive os métodos científico-digitais podem ajudar a disciplina histórica a responder velhos e novos problemas (Luchesi, 2022, p. 40).

Na era do que muitas autorias intitularam como *web 2.0*, novas portas se abriram para ampliação do uso de tecnologias digitais para diversas camadas da população e, com isso, as formas de narração histórica tornaram-se acessíveis a qualquer pessoa capaz de entrar na rede de *internet*. As diferentes modalidades de escrita, surgidas com os *blogs*, permitiram uma rápida e fácil interação entre o trabalho de quem escreve e as opiniões e perspectivas daquele que lê. Quase que em seguida, foi possível desenvolver atividades de colaboração simultânea, como a complementação de documentação. A título de exemplificação, a autora Débora El-Jaick Andrade cita em seu trabalho, *Redes sociais digitais: um novo horizonte de pesquisas para a História do tempo presente* (2022), os arquivos sobre regimes totalitários europeus disponíveis no *Parallel Archive*, que só estão ali graças tanto à presença ativa do público que contribuiu com conhecimentos e documentos como, especialmente, às tecnologias que permitiram a conexão entre pessoas e o projeto.

O componente digital reformulou a documentação e a forma como a encaramos, além de ter transformado as maneiras e ferramentas de armazenar, tratar dados e acessar e compartilhar informações. Com isso, influenciou as diversas etapas da operação

historiográfica, afetando tanto as implicações metodológicas quanto teóricas na pesquisa histórica e na prática da história pública. Também permitiu a visibilidade, interatividade e possibilidade de disseminação de narrativas e divulgação de relatos pessoais. Por isso, Noiret (2015) afirmou o quão importante é darmos mais atenção às transformações que vêm ocorrendo desde o século passado e suas relações com o fazer historiográfico:

Mudanças metodológicas no ofício de historiadores são de tal ordem que devíamos dedicar mais tempo a elas, analisar o que a história digital (pública) ou história por meios digitais representa atualmente no século XXI para a história acadêmica e as profissões relacionadas à história pública (Noiret, 2015, p. 29).

Neste trabalho, elegemos um recorte ainda mais específico, focalizando na perspectiva da história pública digital, que se refere às narrativas que relacionam presente e passado e projetam futuros, exercendo um papel de instrumento social, levando o conhecimento histórico para o mundo prático, onde as reflexões são colocadas sobre novos e diversos olhares que carregam histórias únicas e percepções particulares e isso se dá, sobretudo, por intermédio das tecnologias digitais, capacitando a criação de espaços amplos que podem abraçar discussões, inclusive, de povos que foram e são invisibilizados em nossa história tradicional.

É possível utilizar as Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs) para abordar a história de uma forma colaborativa (Luchesi, 2022, p. 37), além de ampliar e diversificar o público para fora da “bolha” da História ou das Humanidades Digitais, tocando em assuntos que interferem diretamente em todos os indivíduos da sociedade. O alcance chega até mesmo àqueles que estão distantes das grossas paredes das universidades, uma vez que a *internet* passa a fazer parte do cotidiano das pessoas por meio de vários dispositivos, dissolvendo barreiras do que seria “virtual” ou “real”. Hoje, percebe-se que o digital não é parte isolada da vida humana, mas um fator integrante do cotidiano que permite a criação de espaços de sociabilidade que geram conexões duradouras.

Este movimento de presença digital de profissionais de história no ciberespaço também aparece com maior evidência no Brasil, no século XXI. A considerar iniciativas de historiadores — como o Café História, que foi ao ar em 2008, o Clio História e Literatura, de 2014, o Leitura ObrigaHistória, de 2015, entre outros —, nota-se a

importância da divulgação histórica como canal de ampliação de público, que aproxima a audiência de um conhecimento científico qualificado, desde o início dos anos 2000. Conforme nos lembra Bruno Leal, na prática da divulgação é relevante abordar “técnicas, metodologias e modelos que não só podem ser replicados, como também aperfeiçoados e adaptados a novas situações e necessidades” (Carvalho, 2019, p. 120). E esses primeiros espaços de divulgação histórica trouxeram uma abertura significativa e inspiração para que outros canais de propagação de conteúdo científico, de dentro ou de fora da academia, se tornassem práticas da história pública digital no país, como é o caso do projeto do laboratório E-human@s.

Ao entender que as tecnologias digitais têm se inserido na rotina social e cultural no mundo, ainda mais após a experiência do ensino remoto por conta da pandemia do COVID-19 (Costa; Spinosa, 2021), sustentamos o ambiente escolar como um aspecto importante dessa relação com as novas sociabilidades no ciberespaço e ele não deve se reduzir às salas de aula. Ele incorpora e é incorporado pelos ambientes digitais. É vital acompanhar e ampliar a implementação da integração de tecnologias digitais para garantir uma educação de qualidade para todos e todas, além de adotar inovações que facilitem o bom uso de tais tecnologias, promovendo letramentos digitais para docentes e discentes.

A *internet* não pode mais ser vista como apenas uma possibilidade para a aprendizagem, mas sim um instrumento indispensável que garante um maior desenvolvimento na esfera acadêmica e social. Os(as) próprios(as) discentes revelam e demonstram, em sala de aula, maior interesse pelos assuntos aos quais têm acesso diariamente em suas redes sociais, plataformas de *streaming* ou jogos; portanto, tentar afastar o ensino de história destes fatores que se tornaram tão indispensáveis no dia a dia da humanidade é negar parte da identidade dos alunos e das alunas. Assim, a utilização do ciberespaço por docentes e discentes deve resultar em práticas pedagógicas relevantes para a vivência em sociedade (Cadena, 2017, p. 03). Nesse sentido, Sonia Wanderley (2020) pode nos ajudar a complementar:

Explicando melhor, compreender que o aprendizado histórico não se restringe ao espaço escolar e que, mesmo este, estará sempre impregnado das formas diferenciadas de orientação temporal que os homens carregam para a sala de aula – o sentido humano inato de

orientar-se no tempo para estabelecer identidade(s) e compreender seu lugar no mundo (Wanderley, 2020, p. 136).

Da mesma forma, a história pública produzida para as redes sociais pode ter um caráter de aprendizagem histórica, semelhante ao trabalho dos(as) docentes de História que implementam as TDICS em suas metodologias de ensino com o objetivo de gerar inquietações e reflexões a partir dos questionamentos humanos. Busca-se, em ambos os casos, instigar a seus públicos a pensar e agir criticamente no mundo, resolvendo problemas práticos com o auxílio do saber histórico. A expectativa é de que as sementes das competências de consciência histórica implantadas em sala de aula saiam dali com o(a) aluno(a) e atinjam seu círculo social, como os colegas de bairro e familiares.

Assim, também o professor atua como um historiador público quando é capaz de fazer dialogar historiografia e outros conhecimentos/narrativas que produzem sentidos para o estar no tempo na realização de um aprendizado de história significativo. O professor/historiador público entende o conhecimento histórico escolar como uma construção compartilhada para a qual contribuem narratividades que se entrecruzam muitas vezes em oposição, em conflito, mas sempre como partes importantes da busca por orientação e identidade, seja individual ou social (Wanderley, 2020, p. 136).

Para Noiret (2015), a *web* deve ser compreendida como a própria história “viva” e “pública”; é importante salientar que as práticas advindas dela não aboliram as metodologias convencionais de produção e divulgação científica, mas sim geraram novas possibilidades para muitos historiadores se moverem na esfera pública das mídias e terem seu trabalho ainda mais requisitado, no que concerne às práticas de filtrar, organizar e interpretar o que as mídias nos oferecem, e, em consequência, o(a) historiador(a) público(a) encara o papel de intermediação nas atividades entre o grande público e a história e a memória na rede. O desafio e o objetivo principal quando falamos de história pública digital nas plataformas é conseguir fazer frente e mediar com criticidade as manifestações pessoais e/ou coletivas enquanto trabalhamos com a construção de narrativas históricas repletas de significado, qualidade e embasamento científico que possam atingir o grande público.

A era digital inseriu outras dimensões para aperfeiçoar as tarefas de história pública, uma vez que nas plataformas digitais existem públicos e linguagens específicos

em seus diferentes espaços, e ambos se unem em prol da identificação e da semelhança, como já citamos anteriormente, que devem ser levados em consideração na missão de interpretar o passado e comunicar a história por todos os meios e mídias à disposição.

A sociabilidade é reconstruída como individualismo conectado à comunidade por meio da busca por indivíduos que possuem mentes semelhantes, em um processo que combina interação online com interação off-line, ciberespaço e espaço local (Castells, 2019, p. 37).

O(A) historiador(a) público(a) digital hoje deve possuir um domínio de capacidades técnicas e da linguagem para utilizar as redes sociais e, também, para conseguir adaptar o conhecimento histórico às plataformas digitais em que deseja compartilhá-lo de modo simples e atrativo no intuito de alcançar as massas, modificando a linguagem e conversando com as especificidades do público que se interessará por aquele assunto e parará sua rolagem na *timeline* para assisti-lo por um pouco mais de tempo.

As competências digitais envolvem a habilidade de interagir de maneira eficaz em ambientes digitais, ajustando-se às demandas desses espaços no contexto social, educacional e cidadão. Tais competências se manifestam quando somos capazes de aplicar nossos conhecimentos e atitudes de forma produtiva no uso das tecnologias digitais em nossas atividades diárias. Esse letramento digital também pode acontecer dentro das salas de aula, ao passo que o uso de tecnologias digitais é integrado, criando situações para a comunidade refletir e pensar, além de contribuir para uma das funções essenciais do conhecimento científico, que é obter a compreensão de como o conhecimento é gerado na cultura digital.

Pierre Lévy (1996, p. 10) esclarece que “cada novo sistema de comunicação e de transporte modifica o sistema das possibilidades práticas, isto é, o espaço pertinente para as comunidades humanas”. Da mesma forma, podemos lançar mão do conceito do sociólogo Manuel Castells (2005) quando ele define nossa sociedade como uma da informação, que justapõe redes de comunicação que ultrapassam os limites nacionais, contribuindo para uma sociedade globalizada.

Sabemos que a construção social da ciência e da verdade revela um processo complexo e dinâmico. O conhecimento não é simplesmente uma representação objetiva

da realidade, ele é mediado por práticas sociais, contextos culturais e estruturas institucionais. Esse processo implica que a verdade é frequentemente construída coletivamente, através de consensos entre especialistas e validações em comunidades científicas, isto demonstra como a *internet* e as ações realizadas nela podem ser políticas, democráticas e possuem impacto social (Cesarino, 2021).

Acreditamos que devemos estar abertos(as) às potencialidades das tecnologias digitais, enquanto também atentos(as) aos seus pontos negativos e possíveis perigos, mas é inegável que “as práticas comunicacionais pessoais atuais da cibercultura mostram a pregnância social para além da assepsia ou simples robotização” (Lemos, 2003, p. 16). Assim como nos lembra Bruno Leal Carvalho, “se incorporamos a perspectiva da divulgação ao nosso ofício, de modo mais atencioso e perene, mais resguardadas estarão a autoridade e a legitimidade do trabalho do historiador[...]” (Carvalho, 2019, p.121) e, portanto, poderemos contribuir com uma presença digital qualificada no ciberespaço.

Com isso em mente, os principais objetivos do Laboratório E-Human@s são os de promover reflexões acerca de temas ligados à cultura digital, educação e cidadania na nossa sociedade e fazer um trabalho de comunicação científica junto à comunidade interna e externa da UFRN, mobilizando pessoas interessadas na área de Humanidades e da cultura digital, sobretudo docentes da rede básica de ensino, que também são nosso público-alvo. Para tanto, uma série de conexões foram fomentadas, no sentido de fortalecer uma rede de diálogo sobre os temas pertinentes ao laboratório. Estas parcerias, com o Laboratório de Ensino de História e Humanidades Digitais (LABEHD/UFRN), o Laboratório de Estudos das Diferenças e Desigualdades Sociais (LEDDES/UERJ), o Laboratório de Banco de Dados e Engenharia de Software (LABENS/UFRN), bem como com o Departamento de Ciência da Informação (DECIN/UFRN), foram essenciais nas ações deste projeto de história pública, pois a partir de suas contribuições e ações conjuntas, garantimos a ampliação da divulgação da ciência em mais canais de comunicação nas mídias digitais.

O Laboratório de Humanidades Digitais e Ensino de História (@ehumanas.ufrn) tem presença digital nas redes sociais do grupo Meta - Instagram e Facebook -, bem como na plataforma YouTube, da empresa Google, desde o mês de março de 2024. O

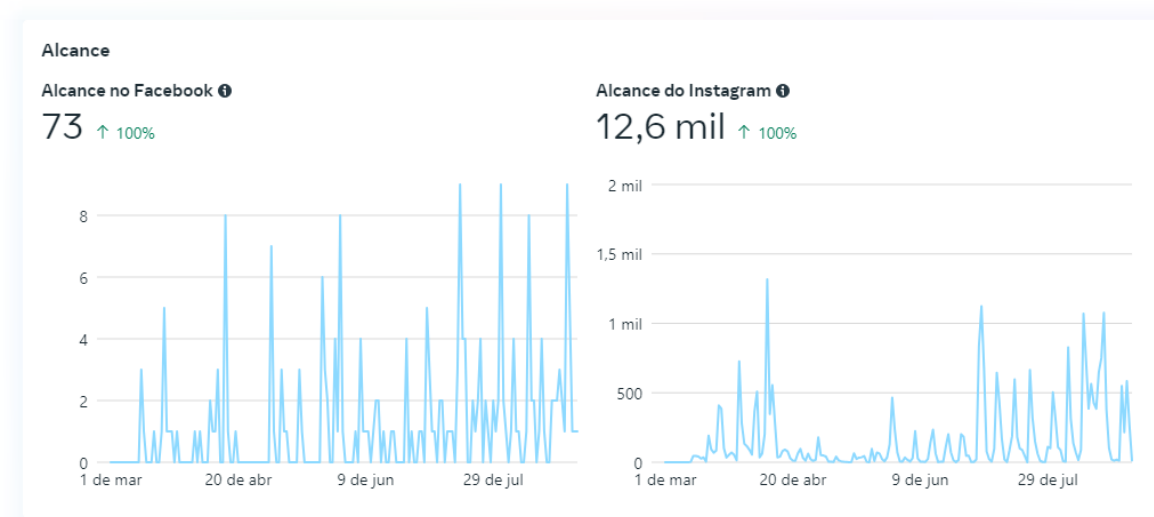
desenvolvimento de conteúdo foi organizado em várias frentes. Uma para publicização das ações de ensino, pesquisa e extensão específicas do laboratório; outra para indicações de leituras acadêmico-jornalísticas da área; uma terceira para comunicação de conceitos da história digital e humanidades digitais e uma última para a divulgação de ações extensionistas, como formações e eventos científicos relacionados ao campo de estudos do projeto. Além disso, o projeto E-conecta oferece outras ações na plataforma digital YouTube, que tem um sentido de interação mais voltado ao ensino, como a publicação de discussões temáticas do grupo de estudo, ou mesmo eventos para o público *online*, como as duas mesas de debate sobre experiências docentes nas redes na era pré-moderna.

A fim de ampliar o poder do alcance do nosso perfil, contamos com marcações colaborativas com os perfis institucionais do CERES (@ufrnceres), do Departamento de História (@dhc.ufrn) e dos nossos laboratórios parceiros, igualmente engajados em tais debates nas redes sociais. Tal método também auxilia na trajetória de levar conhecimento histórico e divulgação científica para ainda mais pessoas, com conteúdo crítico e de qualidade. Todas as semanas produzimos e divulgamos conteúdos que atualizam os seguidores sobre o cotidiano do trabalho do Laboratório E-Human@s. Entendemos ser importante que a rotina de trabalho científico e as etapas de desenvolvimento de projetos seja uma das formas de comunicação sobre como fazer ciência histórica e digital, mostrando como isso se consolida nas universidades. Além do projeto de extensão E-conecta, temos mais dois projetos extensionistas do E-Human@s: a Exposição *Respeita Nossa História*, celebrando os 50 anos de Curso de História e o projeto *BaOBaH - um banco de objetos de aprendizagem para docentes da rede básica*, que oferece um banco de referências de objetos de aprendizagem para o ensino de História. Além deles, desenvolvemos o projeto de pesquisa *Docência imaginada e o ensino de História nos Sertões: uma investigação sobre letramento histórico-digital nas práticas escolares*. Todas estas iniciativas incidem sobre o planejamento de conteúdos de divulgação científica das nossas redes sociais. Elas demandam um planejamento estratégico, criação de roteiro, composição visual dos materiais de postagem, edições atrativas, legendas inteligentes e plano de divulgação. Os trabalhos efetuados no âmbito do laboratório são transformados em conteúdo. Seja

para a divulgação diretamente, como é o caso do site BaObAH³, seja para uma interação mais aprofundada e interligada, como o projeto de pesquisa, em que além de termos as atividades de leitura e discussão, requeremos da equipe uma síntese dos conceitos trabalhados para uma roteirização adaptada para as redes sociais. Assim, o que é apropriado na discussão científico-acadêmica gera uma oportunidade de fazer história pública nas redes sociais.

Durante a atual execução do projeto, no recorte temporal de março a agosto, foram realizadas 33 ações de história pública nas redes sociais (Instagram e Facebook), entre vídeos informativos para a aba *reels*, postagens de dicas de leitura, apresentação dos projetos, divulgação de nossos eventos e *cards* educativos. Fizemos um trabalho de monitoramento dos *insights*, que são os índices de interações que pessoas usuárias tiveram com as nossas redes. As figuras abaixo se referem ao semestre de atuação efetuado pelo Laboratório na Meta. Ela nos ajuda a perceber o valor da história pública digital que estamos construindo em ambas as redes sociais.

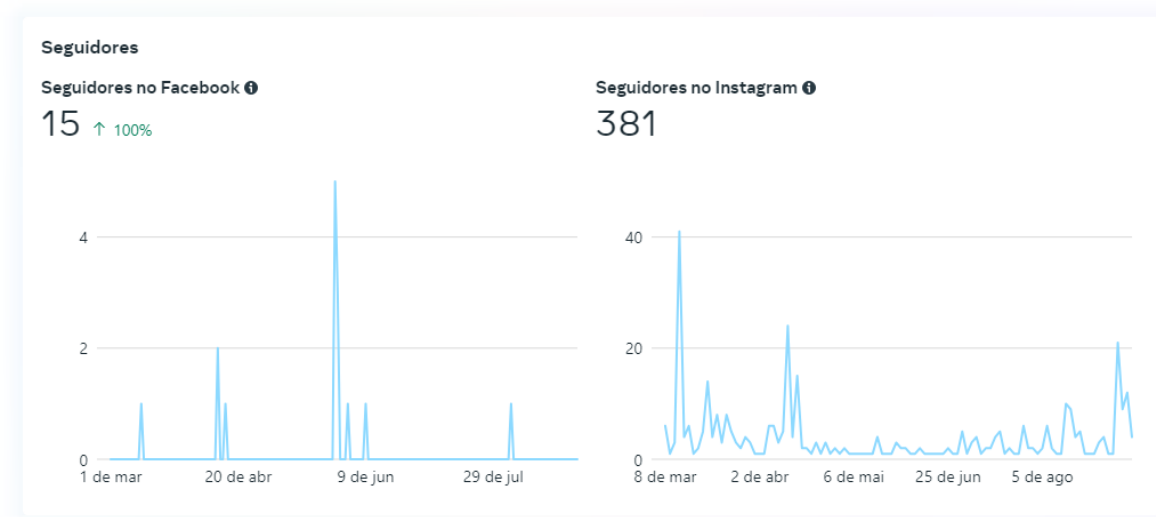
Figura 1: Número de alcance dos perfis do Laboratório E-Human@s no Facebook e no Instagram, de março a agosto de 2024



Fonte: gerado automaticamente pela plataforma Meta Business Suite, 2024.

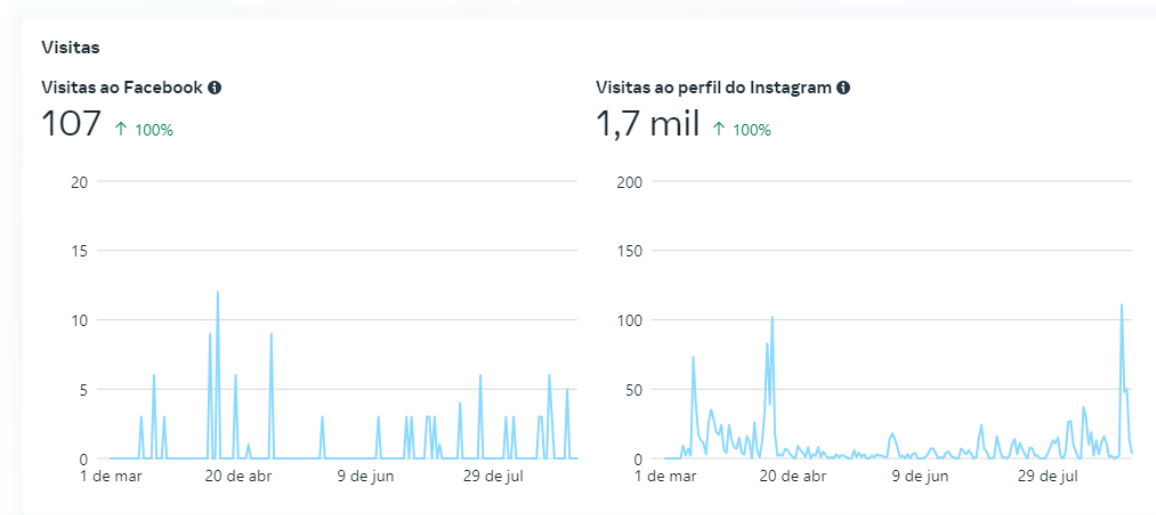
³<http://baobah.ceres.ufrn.br/>

Figura 2: Número de seguidores nos perfis do Laboratório E-Human@s no Facebook e Instagram, de março a agosto de 2024



Fonte: gerado automaticamente pela plataforma Meta Business Suite, 2024

Figura 3: Número de visitas aos perfis do Laboratório E-Human@s no Facebook e Instagram, de março a agosto de 2024



Fonte: gerado automaticamente pela plataforma Meta Business Suite, 2024.

Os dados em análise nos revelam a pertinência do nosso trabalho com história pública nas plataformas digitais, sobretudo, no Instagram, pelo seu alto alcance e fácil compartilhamento, que transforma o público receptor em uma comunidade engajada,

que faz comentários, envios e *reposts*, ainda que tenhamos um número de seguidores pequeno, decidimos que houvesse um crescimento orgânico, sem investimento financeiro em divulgação. Mesmo tendo um número em crescimento, pudemos observar que há um alcance geral mais significativo, sobretudo pelos compartilhamentos e pelas ações colaborativas com outros laboratórios e perfis do nicho. Visto que estamos nas redes a apenas seis meses, conclui-se que, a médio e longo prazo, obteremos um número maior de seguidores e/ou impressões.

As postagens que garantiram os maiores engajamentos se referem à divulgação das nossas ações de extensão síncronas; contamos, também, com a ajuda de divulgação de outros perfis parceiros em nossa trajetória, conforme lembrados acima. Em sequência de engajamento, temos os vídeos *reels* da nossa série “O que é?”, onde explicamos conceitos-chave para os debates que realizamos tanto nas redes sociais quanto em nossos encontros síncronos, como também damos exemplos dos seus efeitos na vida cotidiana; o pico de engajamento ocorre no mesmo dia destas publicações.

No que se refere às mobilizações digitais síncronas, tivemos cinco encontros do Grupo de Estudos E-Human@s via Google Meet, todos tiveram nossas redes sociais (Instagram e Facebook) como base de contato e divulgação, além da circulação das nossas postagens em grupos do WhatsApp e Telegram, no intuito de alcançar o maior número de pessoas que possam ter interesse em se inscrever e participar de tais ações de extensão que — nos encontros do semestre letivo 2024.1 — abordaram temas como ensino de História, Historiografia escolar digital, História pública, Aprendizagem Histórico Escolar, Infocracia, Memória e Informação, contando com a colaboração dos laboratórios LABEHD/UFRR, LEDDES/UERJ, LABENS/UFRN e do Departamento de Ciência da Informação (DECIN) da UFRN, além da contribuição das professoras e doutoras Sonia Wanderley, Marcella Albaine, Vanessa Spinosa e Mônica Gallotti.

Além disso, também realizamos o evento de extensão *Ensino de História e Temas Sensíveis*, relacionando o Golpe de 1964 com as práticas metodológicas de ensino de história a partir das tecnologias digitais, alcançando 96 pessoas simultaneamente. Em uma estimativa total desses encontros, alcançamos 230 participantes, e o sucesso destes números se dá, sobretudo, às divulgações veiculadas nas mídias sociais e nos grupos de interação.

O nosso canal no YouTube⁴ tem sido mais um espaço para que nosso público tenha acesso aos conteúdos de História e Humanidades Digitais. Ainda que a plataforma não atue como uma rede social, temos tido a percepção que é mais um caminho no qual conseguimos atuar no sentido de ter maior aderência das pessoas às redes. A ideia é a de que os debates, que foram eventos exclusivos para quem se inscreveu, se tornem, depois, um conteúdo em vídeo nesta plataforma, o que ajuda a manter o interesse nos espaços de divulgação nas mídias digitais do público, além de recortes feitos a partir da gravação dos eventos, que vão para as nossas redes sociais. Portanto, a plataforma é abastecida com conteúdo de qualidade, educativo e informativo, além de armazenar nossos eventos e encontros do grupo de estudos. As inscrições no canal, que está ativo desde abril de 2024, ainda são pouco expressivas, porém temos adicionados dez vídeos que vão desde a apresentação do E-Human@s a cortes significativos dos debates mais longos, e até eventos já realizados via Google Meet que, depois de editados, são enviados para publicação na plataforma. Essa, portanto, é mais uma tática que dá visibilidade para os debates sobre Humanidades Digitais e Ensino de História, a partir da História pública digital.

CONCLUSÃO

Os usos da *web* hoje em dia possuem significados como nunca visto antes, estar *online* é sinônimo de empoderamento para as classes populares, indivíduos de países do sul global e grupos minorizados como mulheres e a comunidade LGBTQIAPN+ que podem se expressar contra o patriarcado; é criar identidade, é ter voz mesmo quando todos e todas seus e suas ancestrais foram silenciados(as) e poder recontar suas histórias. Como de acordo com Manuel Castells (2019), as redes sociais propuseram uma autonomia para os atores sociais, que se tornaram sujeitos do processo comunicacional. Através desta conectividade, as pessoas são induzidas à satisfação, ajudando a superar o isolamento, fator que promove felicidade e autonomia (Castells, 2019, p. 39). Sendo o sociólogo otimista ou não, as redes constituem uma forma de interação social, difundindo novas lógicas e novos olhares sobre os processos de

⁴<https://www.youtube.com/@lab.ehumanas>

experiência, poder e cultura, modificando estruturas tão solidificadas da nossa sociedade e reformulando certezas epistemológicas.

Pensando na área de História, onde atuamos, entendemos que, conforme Serge Noiret (2015), nossas atividades intelectuais, de ensino, pesquisa e de divulgação, passam pelas telas. E ter uma presença qualificada nas mídias e plataformas digitais exige que tenhamos planejamento estratégico em nossas atuações. A considerar que o trabalho foi efetuado por uma docente e uma graduanda, com apoio de graduandas dos demais projetos do laboratório, avaliamos que o caminho percorrido para a concretização do projeto tem sido exitoso.

Há, muitas vezes, uma tendência na comunidade acadêmica de não valorizar os trabalhos de história pública digital, sobretudo nas mídias digitais, entendendo que é uma atividade menor, que não exige o mesmo empenho que outras ações científicas, inclusive extensionistas. É claro que a pandemia da COVID-19 acabou obrigando que saíssemos do casulo academicista com maior rapidez. Mas ainda há um longo caminho pela frente.

Para que este projeto pudesse existir, uma série de atividades foram efetuadas. Desde a monitoria para inscrições, a confecção de material de divulgação, elaboração de textos e conteúdos visuais ou audiovisuais para as redes sociais, até o suporte técnico para a mediação na ação ao vivo na sala do Google Meet, tanto para organizar o ambiente e as conexões necessárias, quanto para monitorar perguntas, comentários, moderando todas as demandas durante a exibição das atividades. Tais demandas geraram um importante aprendizado para que a equipe bolsista tivesse experiência na organização e elaboração de textos para a comunidade virtual, bem como na comunicação visual dos conteúdos referentes às ações do laboratório, gerando capacitação para a filtragem de conteúdo, redação e divulgação de temas científicos no espaço virtual, bem como compreensão de toda a organicidade de ações presenciais e virtuais e conectando as áreas do saber com a comunidade universitária e externa.

Ainda há mais trabalhos para esta equipe realizar, considerando o desenvolvimento do projeto. No segundo semestre letivo, teremos a oportunidade de preparar formações abertas à comunidade externa e interna da UFRN, ampliando nosso alcance educativo, com as sessões audiovisuais e debates no Cine Clube E-Human@s

Conecta, e com as proposições didáticas para ambiente virtual em ensino de História sobre a Era Pré-Moderna, além de seguirmos as trilhas das publicações nas redes sociais nos âmbitos da divulgação do Laboratório, comunicação de conceitos da área e indicações de leituras acadêmicas e jornalísticas.

O ambiente acadêmico tem um papel fundamental no estímulo ao pensamento crítico e na busca por fontes confiáveis, através da alfabetização informacional e da análise crítica de fontes da informação, uma vez que a informação que chega até nós diariamente é capaz de influenciar as nossas relações e decisões. Portanto, é de suma importância a presença de um laboratório com ações que promovam e possibilitem o uso das tecnologias como recurso didático para o ensino e aprendizagem de História nos sertões seridoenses, sobretudo no que diz respeito a uma História Pública Digital.

Um dos pontos fortes do Laboratório E-Human@s e de seus projetos consiste em contribuir para o engajamento crítico no uso das tecnologias digitais, estimulando a reflexão. Dessa forma, podemos mensurar o sucesso do projeto E-Human@s Conecta a partir dos números de acessos, inscrições, comparecimentos nas atividades síncronas durante o ano de 2024, além dos índices de alcance e engajamento, pois sinalizam o interesse da comunidade em nossas ações, dando veracidade à assertiva de que a *internet* permite formas de comunicação entre academia e sociedade sem precedentes, tanto no que diz respeito aos métodos de pesquisa quanto à comunicação e divulgação científica (Luchesi, 2022, p. 38).

Diante do exposto, é nítido que a História Pública Digital transformou a forma como interagimos com o passado e construímos narrativas históricas democráticas em acessibilidade, revolucionando o campo da historiografia e da educação, ouvindo as vozes de diferentes pessoas com as mais diversas interpretações em uma troca que enriquece o saber, além de permitir uma audiência mais ampla, superando as barreiras físicas e econômicas, estabelecendo uma ponte entre a academia e o público e incentivando uma participação mais ativa na preservação e interpretação da nossa história.

Queremos que o acesso às mídias digitais e ao conhecimento histórico continue chegando a todos(as). Para tanto, faz-se necessário que cada dia mais lutemos pela implementação de políticas que amenizem as desigualdades sociais. Enquanto, na

academia, continuamos a produzir conteúdo que possa ser acessado e compreendido pelas grandes massas, acomodando e encaixando materiais, teses e argumentos teóricos em uma linguagem e em um formato que abraça as Humanidades Digitais e a História Pública Digital. Ao mesmo tempo, mostramos para quem já está dentro da universidade o poder e o valor do trabalho do historiador público, pois este representa um avanço significativo na maneira como preservamos, compartilhamos e discutimos a história, refletindo um compromisso com a educação e a inclusão no século XXI.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, D. E. Redes sociais digitais: um novo horizonte de pesquisas para a História do tempo presente. In: BARROS, J. D. (org.). *História Digital: a historiografia diante dos recursos de um novo tempo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. p. 179-227.
- CADENA, S. Entre a História Pública e a História Escolar: as redes sociais e aprendizagem histórica. In: XXIX Simpósio Nacional de História - Contra os Preconceitos: História e Democracia, 2017, Brasília. *Anais...* São Paulo: ANPUH-SP, 2017. p. 01-16. Disponível em: <https://www.snh2017.anpuh.org/site/anais>. Acesso em: 2 set. 2024.
- CARVALHO, B. L. P. de. Café História: Divulgação científica de História na web. In: CARVALHO, B. L. P. de; TEIXEIRA, A. P. T. (Org.). *História pública e divulgação de história*. Belo Horizonte: Letra e Voz, 2019, v. 1, p. 85-105.
- CASTELLS, M. *O poder da comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- CESARINO, L. Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética. *Ilha Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 73-96, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/75630>
- LEMOS, A. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, A.; CUNHA, P. (Org.). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 11-23.
- LÉVY, P. *O que é virtual?* Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- LUCCHESI, A. História Pública Digital: dois pitacos sobre outras histórias possíveis na Era Digital. *Boletim do Tempo Presente*, [S. l.], v. 11, n. 03, p. 36-43, 2022.
- MANIFESTE DES DIGITAL HUMANITIES. *ThatCamp Paris*, 2011. Disponível em: <https://tcp.hypotheses.org/497>. Acesso em: 2 set. 2024.

NOIRET, S. História pública digital. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 28-51, maio 2015. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3634>. Acesso em: 2 set. 2024.

SPINOSA, V.; COSTA, M. A. F. da. Formação do futuro-presente: a docência em História no espectro da experiência digital no ensino remoto. In: GABRIEL, C. T.; BOMFIM, M. L. (Org.). *Formação docente e currículo: conhecimentos, sujeitos e territórios*. Rio de Janeiro: MAUADX, 2021. p. 279-300. Disponível em: <https://www.academia.edu/50405719>. Acesso em: 3 set. 2024.

WANDERLEY, S. M. I. O entrelugar do aprendizado escolar de História: uma perspectiva de História Pública. *Revista História Hoje*, v. 9, n. 18, p. 125–144, 2020. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/696>. Acesso em: 4 set. 2024.



Os direitos de licenciamento utilizados pela Revista Histórias Públicas é a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 20/04/2025

Aprovado em: 11/08/2025